

Igreja teme golpe com polarização

A Igreja teme que o esfacelamento dos partidos políticos e a polarização entre direita e esquerda acabe levando a um novo golpe. O temor foi levantado ontem na reunião do Conselho Permanente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que discute a conjuntura política do País. O bispo de Pelotas (RS), dom Jaime Chemello, chegou a declarar que a cúpula da Igreja está "pasma e perplexa, vendo os grandes partidos (PMDB e PFL) reduzidos a zero".

"Estamos chegando a uma polarização entre direita e esquerda, que pode ser perigosa. Os próprios candidatos estão percebendo isso, tanto que Collor tenta assumir uma postura de social-democrata e Lula se mostra mais propenso ao diálogo. Se continuarmos no caminho dessa radicalização, existe a possibilidade, a longo prazo, de um novo golpe", alerta o bispo.

Dom Jaime Chemello lembra que no Uruguai, "um país de uma precariedade incrível, sem indústrias", tão logo terminou o regime militar, os antigos partidos, Blanco e Colorado, voltaram integralmente. "No Brasil, os partidos, as instituições, foram totalmente liquidados", afirma. Segundo o arcebispo de Curitiba, dom Pedro Fedalto, o Conselho Permanente da CNBB baseou sua análise na comparação entre a situação dos partidos em 1986 e agora, depois desta eleição. "Os partidos que eram fortes naquela época, hoje estão fracos. E eu nem sei se em 1986 existia esse P..., P...", compara, atrapalhando-se com a sigla do candidato Fernando Collor de Mello (PRN).

Para o bispo de Cametá (PA), dom José Elias Chaves, a fragilidade e a tradicional curta existência dos partidos políticos brasileiros são decorrentes do fato de que quase todos se estruturam a nível de cúpula, de cima para baixo. "O único diferente é o PT, que parte das bases para cima. Daí a razão do seu sucesso", analisa.

NEUTRALIDADE

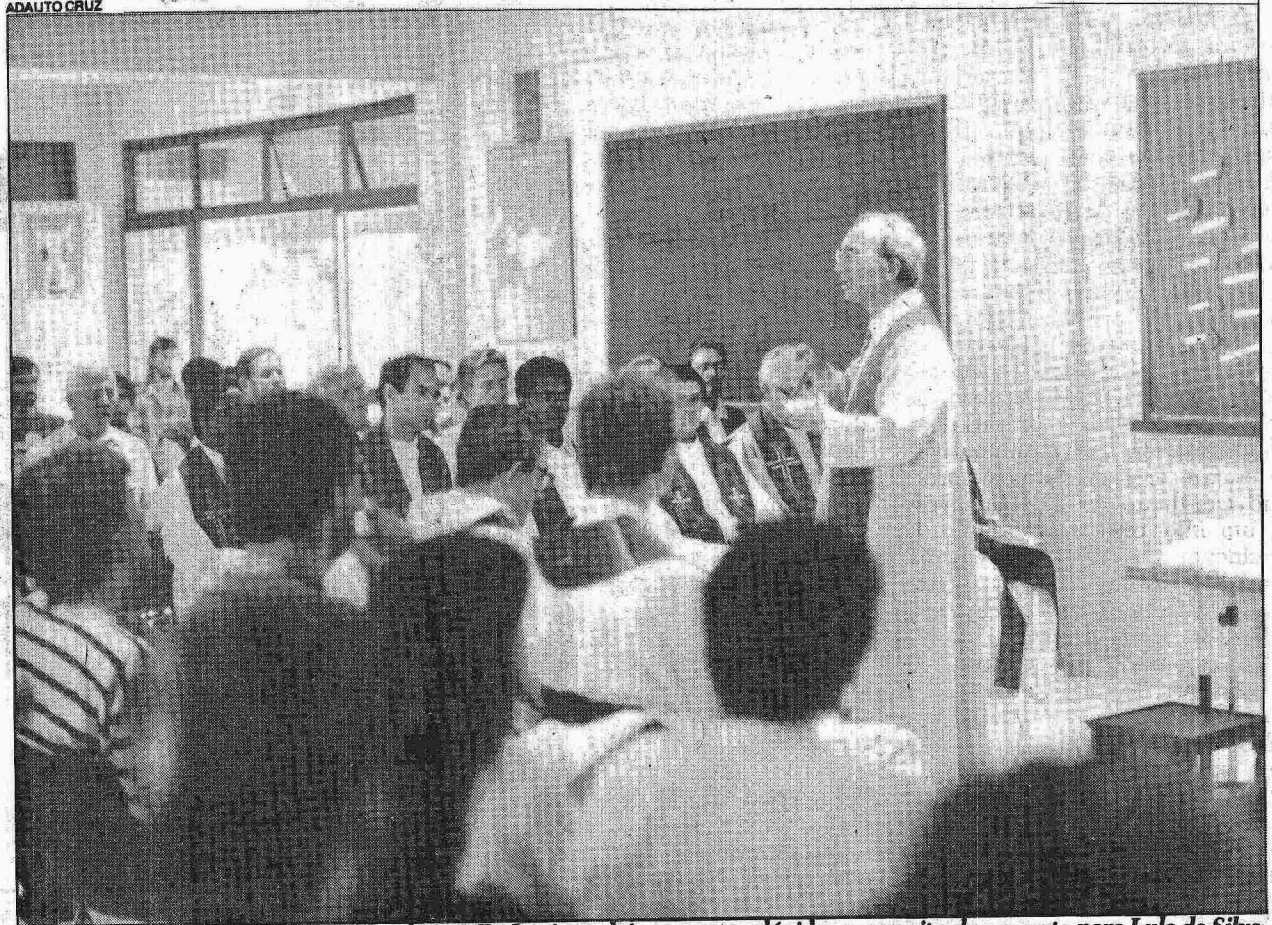
Ontem, a CNBB voltou a insistir na neutralidade para o segundo turno. "Sei que vão me acusar de estar em cima do muro. E eu respondo: bendito muro, porque esse é o meu lugar, como membro da Igreja", afirma o bispo gaúcho dom Jaime Chemello, rebatendo as acusações de que o PT teria sido favorecido pela atuação da Igreja. "E o Collor, não apareceu beijando a mão de frei Damiano? E no Rio Grande do Sul, onde a Igreja é bastante organizada, o Brizola não teve quase 70 por cento dos votos? O que estamos assistindo, na verdade, é a busca de argumentos explicativos para um fenômeno chamado derrota", dispara.

Mais contundente, o bispo paraense, dom José Elias Chaves, lembra que todos os candidatos tentam se valer do peso da Igreja, já que a maioria da população brasileira é católica. "O Brizola, que não é católico, foi visitar o Papa para depois distribuir fotografias por todo o lado, como se o Papa aprovasse a sua candidatura e mandasse votar nele", critica.

Apesar da tentativa da cúpula do clero de aparentar neutralidade, a Comissão Pastoral da Terra (CPT) não esconde de ninguém que vai de Lula no segundo turno, assim como todas as outras pastorais populares (operária, da mulher marginalizada, carcerária, dos leigos, entre outras). Seus integrantes lembram que tal opção se deu naturalmente, pela própria prática do trabalho pastoral. Afinal, dizem, nunca viram nem PDS, nem PFL, nem a direita em geral atuando na defesa do trabalhador rural, por exemplo.

Uma paróquia de Pernambuco, segundo registrou a imprensa, já colocou uma enorme faixa diante da entrada do templo, sugerindo o voto dos fiéis, ao recomendar ao eleitor optar por um representante dos trabalhadores. E os mapas de votação de Luiz Inácio Lula da Silva no interior denotam a ação da Igreja.

ADALTO CRUZ



Apesar de evitar o reconhecimento direto, D. Luciano deixou poucas dúvidas a respeito de seu voto para Lula da Silva